27 Ano Santo Compostelán

Carta pastoral

por ocasião do Ano Santo Compostelano 2027



✠ Francisco José Prieto Fernández

Arcebispo de Santiago de Compostela

INTRODUÇÃO. Voltar a olhar para a estrela

“Ao ver a estrela, encheram-se de imensa alegria” (Mt 2,10)

Queridos irmãos e irmãs,

Com estas palavras, simples e luminosas, o evangelista Mateus descreve a experiência interior dos Magos do Oriente quando, depois de longos dias de busca e de caminhos incertos, descobrem de novo a estrela que os conduzia a Belém. Aquela luz não eliminou a dureza da viagem nem evitou as perguntas do caminho, mas devolveu-lhes a certeza de que não caminhavam sem sentido, de que a realidade não era um labirinto absurdo e de que existia uma meta capaz de satisfazer a sua esperança: “Onde está o Rei dos judeus? Porque vimos a sua estrela surgir e viemos adorá-lo” (Mt 2,2). Como comenta São Leão Magno, “o sinal que pôs efetivamente em marcha os distantes Magos e os conduziu perseverantemente até ao Senhor, este sinal foi, sem dúvida, um sacramento desta graça e o princípio desta vocação, que faria com que o Evangelho de Cristo não fosse pregado apenas na Judeia, mas também no mundo inteiro”[1].

Por isso, quero anunciar-vos com imenso júbilo a próxima celebração do Ano Santo Compostelano 2027, Ano de graça e de perdão. A abertura da Porta Santa na Catedral de Santiago, onde os restos e a memória do Apóstolo Tiago Maior se conservam e veneram, é um convite a sentirmos a necessidade de voltar a levantar o olhar para a estrela que nos mostra o Caminho. O nosso tempo aparece atravessado por profundas contradições. A humanidade possui hoje enormes capacidades científicas e tecnológicas; contudo, a par dos avanços que melhoram a vida de milhões de pessoas, surgem novas formas de fragilidade, solidão e desorientação espiritual. Vivemos numa época marcada por guerras e polarizações, pelo enfraquecimento dos vínculos comunitários, por incertezas económicas e culturais e por uma crescente dificuldade em responder às perguntas últimas sobre o sentido da existência.

O homem contemporâneo parece ter conquistado múltiplos espaços exteriores, mas frequentemente permanece desconcertado diante do seu próprio interior. O desenvolvimento da inteligência artificial, a aceleração tecnológica e as novas possibilidades de intervenção sobre a vida humana abrem horizontes inéditos e, ao mesmo tempo, suscitam profundas questões antropológicas e éticas. Como advertia Romano Guardini, o homem contemporâneo adquiriu um poder imenso sobre o mundo e sobre si mesmo, sem ter alcançado ainda a maturidade moral e espiritual necessária para o orientar adequadamente[2]. A questão decisiva não é apenas o que podemos fazer, mas quem somos e para onde orientamos a nossa liberdade. Tal como já advertia o Papa Francisco: "O ser humano não é plenamente autónomo. A sua liberdade adoece quando se entrega às forças cegas do inconsciente, das necessidades imediatas, do egoísmo, da violência. Nesse sentido, está nu e exposto diante do seu próprio poder, que continua a crescer, sem ter os elementos para o controlar. Pode dispor de mecanismos superficiais, mas podemos sustentar que lhe falta uma ética sólida, uma cultura e uma espiritualidade que realmente o limitem e o contenham numa lúcida abnegação"[3].

No meio desta situação histórica, o Caminho de Santiago e o Ano Santo Compostelano aparecem como um sinal providencial. Não simplesmente como um acontecimento religioso ou cultural de grande relevância histórica, mas como um apelo espiritual dirigido ao coração do nosso tempo. O Jubileu Compostelano quer ser um espaço aberto onde o homem contemporâneo possa reencontrar-se consigo mesmo, com os outros e com Deus.

O Caminho continua a convocar crentes e não crentes, homens e mulheres que procuram respostas e outros que mal percebem uma inquietação interior difícil de nomear. E é precisamente aí que reside uma das grandezas espirituais da peregrinação jacobeia: o Caminho torna-se lugar de encontro e de perguntas, espaço onde a superficialidade quotidiana se quebra e reaparece a questão fundamental do sentido da vida: "a peregrinação desempenha um papel

importante na nossa vida de fé, pois oferece-nos o tempo e o espaço para um encontro mais profundo com Deus. Afasta-nos da rotina e do bulício da vida quotidiana e oferece-nos o espaço e o silêncio necessários para escutar a voz de Deus com maior clareza"[4].

Porque o homem, mesmo quando pretende esquecê-lo, continua a ser um ser em busca. Como escreveu Santo Agostinho de Hipona no início das suas Confissões: "Fizeste-nos, Senhor, para Ti, e o nosso coração está inquieto enquanto não repousar em Ti"[5]. Nenhum progresso técnico, nenhum bem-estar material e nenhuma promessa de autossuficiência conseguem apagar completamente essa inquietação que habita o coração humano.

O Ano Santo Compostelano 2027 quer ser, por isso, um grande convite à esperança. Um apelo a voltar a caminhar. A sair das nossas seguranças e rotinas. A atravessar as noites pessoais e coletivas mantendo o olhar fixo na estrela que conduz a Cristo.

O Ano Santo Compostelano 2027 quer apresentar-se como um verdadeiro apelo dirigido ao coração do homem contemporâneo e à consciência da nossa sociedade. Num tempo frequentemente marcado pela incerteza, pelo cansaço interior e pela fragmentação, o Jubileu Compostelano deseja oferecer um horizonte de sentido e uma experiência renovada de esperança.

Quer ser um convite a voltar a caminhar perante uma das grandes tentações do nosso tempo, que consiste precisamente em instalarmo-nos na comodidade, no desencanto, no individualismo, na superficialidade ou até na resignação. O homem contemporâneo dispõe de meios para se deslocar rapidamente, mas com frequência perdeu interiormente o motivo do caminho. Move-se muito, mas sabe cada vez menos para onde orientar verdadeiramente a sua existência. A peregrinação jacobeia lembra, pelo contrário, que viver é caminhar, que existir é procurar e que o ser humano só compreende plenamente a sua vida quando a experimenta como vocação e como itinerário.

O Ano Santo quer ajudar-nos a sair das nossas seguranças e rotinas. O apelo dirigido por Deus a Abraão — "Sai da tua terra" (Gn 12,1) — atravessa toda a história bíblica e conserva uma surpreendente atualidade. Também nós precisamos de abandonar muitas vezes as falsas seguranças com que tentamos proteger-nos: a autossuficiência, o consumismo, a indiferença religiosa, a absolutização do bem-estar ou a ilusão de controlar completamente a nossa vida e o nosso futuro. O Caminho de Santiago possui precisamente essa capacidade de desinstalar: o peregrino aprende depressa que não controla tudo, que precisa dos outros, que deve aceitar a sua fragilidade e que a vida se sustenta também na gratuidade, na confiança e no dom.

Por isso, o Jubileu Compostelano quer ser igualmente um apelo a recuperar a interioridade. Vivemos numa cultura frequentemente dominada pelo ruído, pela dispersão e pela aceleração. O homem de hoje corre o risco de perder a capacidade de contemplar e de escutar: "a crise temporal só será superada quando a *vita activa*, em plena crise, voltar a acolher no seu seio a *vita contemplativa*"[6]. Saturado de estímulos, acaba muitas vezes por ficar desligado de si mesmo e das perguntas essenciais da existência. O Caminho oferece, pelo contrário, uma pedagogia do silêncio e da lentidão. O cansaço da caminhada, a austeridade do peregrino, a contemplação da natureza e o encontro gratuito com outros caminhantes purificam pouco a pouco o olhar interior e permitem que voltem a emergir as grandes perguntas do coração humano, sobre Deus e sobre si mesmo.

O Ano Santo quer ser também um convite a atravessar as noites pessoais e coletivas sem sucumbir ao desespero. Porque não podemos ignorar as sombras do nosso tempo. Existem feridas profundas na vida de muitas pessoas: solidões silenciosas, fragilidades familiares, incertezas laborais, sofrimentos psicológicos, guerras, migrações forçadas, pobreza e novas formas de exclusão. A isto soma-se uma certa obscuridade espiritual que afeta amplos setores da nossa cultura e que leva a viver "como se Deus não existisse"[7]. O homem contemporâneo experimenta com frequência um cansaço existencial difícil de nomear.

Precisamente por isso, o lema do Ano Santo possui uma força tão significativa: "Ao ver a estrela, encheram-se de imensa alegria" (Mt 2,10). Os Magos encontraram a alegria não porque as dificuldades do caminho tivessem desaparecido por surpresa, mas porque descobriram de novo uma luz que orientava os seus passos. A estrela não eliminou a noite, mas permitiu-lhes atravessá-la. Do mesmo modo, a fé cristã não suprime automaticamente o sofrimento nem as contradições da história; mas oferece uma luz capaz de dar sentido ao caminho e de sustentar a esperança mesmo no meio da escuridão: "A luz da fé não dissipa todas as nossas trevas, mas, como uma lâmpada, guia os nossos passos na noite, e isto basta para caminhar"[8].

Neste sentido, o Ano Santo Compostelano quer ajudar a redescobrir que a esperança cristã não é ingenuidade nem simples otimismo. A esperança nasce do encontro com Jesus Cristo, morto e ressuscitado, vencedor do pecado e da morte: "a vida cristã é um caminho, que precisa também de momentos fortes para alimentar e robustecer a esperança, companheira insubstituível que faz entrever a meta: o encontro com o Senhor Jesus"[9]. Só uma esperança maior do que as nossas próprias capacidades pode sustentar plenamente a existência humana: "em virtude da esperança na qual fomos salvos, olhando para o tempo que passa, temos a certeza de que a história da humanidade e a de cada um de nós não se dirigem para um ponto cego ou um abismo escuro, mas orientam-se para o encontro com o Senhor da glória"[10]. O homem precisa de uma "grande esperança" que vá além dos resultados parciais e frágeis da história e "esta grande esperança só pode ser Deus, que abraça o universo e que nos pode propor e dar aquilo que sozinhos não podemos alcançar"[11]. Por isso, o Jubileu Compostelano está chamado a ser um acontecimento profundamente espiritual e evangelizador. Uma oportunidade para reencontrar Deus, para experimentar a misericórdia, para se reconciliar consigo mesmo e com os outros, para redescobrir a beleza da fé e para abrir de novo a vida ao horizonte da transcendência.

O Caminho de Santiago foi historicamente um caminho de conversão. A peregrinação implica sempre uma transformação interior. O peregrino chega a Compostela sendo, de algum modo, diferente daquele que iniciou o caminho, porque aprendeu algo sobre si mesmo, sobre os outros e sobre Deus. Experimentou a sua própria fragilidade e também a força da fraternidade; descobriu que a vida não se sustenta apenas na eficiência e no rendimento, mas também na gratuidade, na beleza e na esperança.

Neste contexto, o Ano Santo Compostelano 2027 quer ser igualmente um apelo dirigido à Igreja. Um convite a renovar o seu ímpeto evangelizador e a sua capacidade de acolhimento. O Caminho oferece à Igreja uma oportunidade extraordinária para se aproximar do homem contemporâneo não a partir da imposição, mas do acompanhamento; não a partir da nostalgia, mas do testemunho humilde e alegre do Evangelho. Como nos exortava São Paulo VI: "Conservemos a suave e reconfortante alegria de evangelizar, mesmo quando é preciso semear entre lágrimas. Façamo-lo — como João Batista, como Pedro e Paulo, como os outros Apóstolos, como aquela multidão de admiráveis evangelizadores que se sucederam ao longo da história da Igreja — com um ímpeto interior que ninguém nem nada seja capaz de apagar. Seja esta a maior alegria das nossas vidas oferecidas. E queira o mundo atual — que procura umas vezes com angústia, outras com esperança — poder receber assim a Boa Nova, não através de evangelizadores tristes e desanimados, impacientes ou ansiosos, mas através de ministros do Evangelho cuja vida irradie o fervor de quem recebeu, antes de mais em si mesmo, a alegria de Cristo, e aceitam consagrar a sua vida à tarefa de anunciar o reino de Deus e de implantar a Igreja no mundo"[12].

Muitos peregrinos levam nas suas "mochilas" feridas invisíveis, perguntas não formuladas, buscas espirituais ou até uma vaga nostalgia de Deus. A Igreja está chamada a acompanhar estas buscas com proximidade e misericórdia: uma conversa simples, um acolhimento fraterno, uma liturgia celebrada com beleza e

profundidade, uma igreja aberta ao silêncio, o sacramento da reconciliação oferecido com paciência e humanidade ou o simples testemunho de uma comunidade crente podem tornar-se lugares onde a pessoa volta a experimentar que Deus continua a vir ao seu encontro.

Por isso, o Ano Santo Compostelano quer ser também uma escola de fraternidade. Num mundo polarizado e fragmentado, o Caminho lembra que ninguém se salva sozinho[13]. Os peregrinos avançam sustentados muitas vezes por pequenos gestos de ajuda mútua, pela hospitalidade partilhada, pela conversa inesperada ou pela solidariedade nascida do cansaço comum. O Caminho ensina que o ser humano não se realiza isolando-se, mas aprendendo a caminhar com os outros.

Por fim, o Jubileu Compostelano quer voltar a indicar Cristo como horizonte último do caminho humano. A estrela conduz a Belém, como o Caminho conduz a um encontro. Toda a autêntica peregrinação cristã é, no fundo, uma peregrinação rumo a Cristo, no qual o homem descobre plenamente a sua verdade, a sua dignidade e a sua esperança.

Como escreveu São João Paulo II, Jesus Cristo é "o centro do cosmos e da história"[14]. E só a partir d'Ele, Verbo encarnado, o homem pode compreender plenamente quem é e para onde se dirige (cf. GS 22), porque "em Jesus Cristo, esta magnífica humanidade encontra o caminho, a verdade e a vida, abrindo a cada um de nós a estrada para crescer rumo à plenitude"[15]. O Ano Santo Compostelano quer ajudar precisamente a isto: levantar de novo o olhar para a estrela para reencontrar a alegria de caminhar rumo a uma esperança que não desilude (cf. Rm 5,5), Cristo, "nossa esperança" (1 Tm 1,1).

Notas

1. São Leão Magno, Sermão XXXV, 1. Sobre a Epifania de Nosso Senhor Jesus Cristo 5 (BAC 291, p. 140).
2. R. Guardini, *El ocaso de la Edad Moderna* (Madrid 1958), p. 112.
3. Papa Francisco, Carta encíclica *Laudato si'* (Roma 2015), n.º 105.
4. Leão XIV, Discurso aos peregrinos da Letónia (24 de novembro de 2025).

5. Santo Agostinho de Hipona, *As Confissões* I, 1, 1 (BAC 11, p. 6).
6. Cf. Byung-Chul Han, *El aroma del tiempo* (Barcelona 2020), p. 11. Do mesmo autor, veja-se também *La sociedad del cansancio* (Barcelona 2021[2]).
7. Bento XVI, Audiência geral (14 de novembro de 2012).
8. Papa Francisco, Carta encíclica *Lumen fidei* (Roma 2013), n.º 57.
9. Papa Francisco, Bula de proclamação do Jubileu Ordinário de 2025 *Spes non confundit* (Roma 2024), n.º 5.
10. Papa Francisco, *Spes non confundit*, n.º 19.
11. Bento XVI, Carta encíclica *Spe salvi* (Roma 2007), n.º 31.
12. São Paulo VI, Exortação apostólica *Evangelii nuntiandi* (Roma 1975), n.º 80.
13. Papa Francisco, Carta encíclica *Fratelli tutti* (Roma 2020), n.º 32.
14. São João Paulo II, Carta encíclica *Redemptor hominis* (Roma 1979), n.º 1.
15. Leão XIV, Carta encíclica *Magnifica humanitas* (Roma 2026), n.º 1.

I. O homem, peregrino

A experiência do caminho pertence profundamente à condição humana. A vida não é uma realidade estática nem um simples permanecer. O homem é um ser a caminho, pois toda a existência humana possui estrutura de peregrinação. Sem dúvida, uma das imagens mais fecundas da tradição cristã foi sempre a do *homo viator*, o homem peregrino. Não somos seres definitivamente instalados. Habitamos provisoriamente o tempo e a história enquanto procuramos uma plenitude que nos excede sempre: "O Caminho de Compostela, como toda a criação do homem, é sinal, e assim o Caminho significa, em última instância, a vida humana. Caminhar e peregrinar sem pátria no desterro deste mundo. A fadiga no caminho indica-nos que todo o homem é, em essência, *viator*, peregrino, criado por Deus e libertado por Cristo, cuja afirmação de criaturalidade é o pilar do Caminho, que encontra a sua maior grandeza na fundamentação da dignidade, na sacralidade de todos e de cada um dos homens"[16].

Esta intuição atravessa tanto a Sagrada Escritura como o pensamento cristão. Abraão escuta a voz de Deus que lhe diz: "Sai da tua terra" (Gn 12,1). Israel percorre o deserto num êxodo rumo à terra prometida. Os discípulos seguem Cristo caminhando atrás d'Ele (cf. Mc 1,17; 8,34), que se revela como o caminho que nos conduz ao Pai (cf. Jo 14,6). Por isso, o crente percorre o seu caminho consciente de que realiza uma peregrinação ao encontro definitivo com o Pai: "Jesus é o caminho e o Pai é onde o caminho chega ao seu fim. Jesus não é apenas o caminho na medida em que, pelo seu ensinamento de mestre, conduz à vida; é o caminho que conduz ao Pai na medida em que Ele próprio é a verdade e a vida. Ele é o caminho de vida e de verdade. Para ir ao Pai é preciso seguir Jesus. Ele é também a porta (Jo 10,9) porque ir a Deus é entrar n'Ele, passar por Ele"[17].

A própria Igreja nasce como povo peregrino na história, tal como nos recorda o mesmo Concílio Vaticano II, citando Santo Agostinho: "A Igreja 'avança como peregrina por entre as perseguições do mundo e as

consolações de Deus', anunciando a cruz do Senhor até que Ele venha (cf. 1 Cor 11,26)" (LG 8). A *Carta a Diogneto* (V, 5.9) descreve admiravelmente esta condição cristã: "Habitam as suas próprias pátrias, mas como forasteiros; participam de tudo como cidadãos e tudo suportam como estrangeiros; toda a terra estranha é para eles pátria, e toda a pátria terra estranha… Passam a vida na terra, mas têm a sua cidadania no céu".

O homem e a mulher contemporâneos, ainda que frequentemente vivam distraídos pelo ruído e pela aceleração, continuam a experimentar interiormente esta condição peregrina. Persiste a pergunta pelo sentido, pelo destino, pela verdade e pela felicidade. Este caminhar não é algo incoerente, mas está profundamente relacionado com a transcendência e o além.

Neste contexto, o Caminho de Santiago aparece como uma grande metáfora existencial e espiritual. O peregrino descobre depressa que caminhar transforma o olhar, a lentidão purifica e o esforço desinstala. O silêncio devolve profundidade às perguntas e a convivência com desconhecidos revela a necessidade de fraternidade. Por isso, "os peregrinos do Caminho de Santiago sabem bem que na mochila só se deve levar o essencial"[18].

Não é por acaso que tantos homens e mulheres, mesmo explicitamente afastados da fé, se sintam atraídos pela experiência da peregrinação. O Caminho convida precisamente a abrandar, a escutar, a habitar o tempo de outro modo. Nele reaparecem perguntas fundamentais que a vida ordinária frequentemente silencia: o que sustenta realmente a minha existência? O que espero? O que amo? O que permanece? Por isso, "peregrino é aquele que abandona a sua casa, deixa a sua pátria e empreende a sua ida a uma terra distante para mudar a sua situação. É a opção de pospor o ter ao ser… Não é possível empreender o Caminho, ser peregrino, sem que se aninhe na alma a sensação de que, sendo estrangeiro, se pode alcançar uma realidade melhor do que aquela que se abandonou"[19].

Numa das suas últimas audiências, o Papa Francisco, perante mais de 5000 peregrinos e voluntários italianos do Caminho de Santiago, na basílica de São Pedro, recordou-nos o sentido autêntico da peregrinação a Santiago em três sinais:

> "O primeiro é o silêncio. O caminho vivido em silêncio permite-te escutar, escutar com o coração, e assim encontrar, ao caminhar, através do esforço, as respostas que o teu coração procura, porque o teu coração se interroga… Em segundo lugar, o Evangelho… A peregrinação faz-se relendo o caminho que Jesus percorreu, até ao dom extremo de si mesmo. O caminho é tanto mais verdadeiro, tanto mais cristão, quanto mais nos leva a sair de nós mesmos e a entregar-nos livremente ao serviço dos outros. E isto é o que faz o Espírito Santo quando lemos o Evangelho todos os dias… O terceiro elemento da peregrinação é o que chamei o 'protocolo de Mateus 25': 'Tudo o que fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes' (Mt 25,40). O silêncio, o Evangelho e fazer o bem aos mais pequenos, aos mais desfavorecidos. Sempre fazendo o bem. No caminho, estai atentos aos outros, especialmente aos que mais lutam, aos que caíram, aos que estão necessitados"[20].

Tudo isto converte o Caminho de Santiago numa verdadeira pedagogia espiritual para o nosso tempo: educa lentamente em dimensões essenciais da existência que frequentemente ficaram enfraquecidas ou relegadas, como o silêncio, a interioridade, a paciência, o esforço, a contemplação, a gratuidade e a abertura ao outro.

O verdadeiro caminho acontece também no interior da pessoa. Passo a passo, jornada após jornada, o Caminho vai desmontando falsas seguranças e obrigando a reencontrar-se consigo mesmo. A fadiga, a simplicidade da vida quotidiana, a redução das necessidades, o contacto com a natureza e o ritmo lento da marcha ajudam a recuperar uma relação mais autêntica com o tempo, com o corpo e com a própria interioridade. Nas palavras de Bento XVI: "O cansaço do caminhar, a variedade de paisagens, o encontro com pessoas de outra

nacionalidade, abrem-nos ao que há de mais profundo e comum que nos une como seres humanos: seres em busca, seres necessitados de verdade e de beleza, de uma experiência de graça, de caridade e de paz, de perdão e de redenção. E no mais recôndito de todos esses homens ressoa a presença de Deus e a ação do Espírito Santo. Sim, a todo o homem que faz silêncio no seu interior e se distancia dos apetites, desejos e afazeres imediatos, ao homem que ora, Deus ilumina-o para que o encontre e reconheça Cristo. Quem peregrina a Santiago fá-lo, no fundo, sobretudo para se encontrar com Deus que, refletido na majestade de Cristo, o acolhe e abençoa ao chegar ao Pórtico da Glória"[21].

Neste sentido, a peregrinação jacobeia constitui uma experiência profundamente contracultural. Enquanto a sociedade contemporânea impele constantemente para a produtividade, a imediatez e o consumo acelerado de experiências, o Caminho ensina a deter-se, a escutar e a contemplar, perante uma hiperatividade permanente que fragmenta a atenção, dificulta o silêncio interior e acaba por debilitar a capacidade de perceber o essencial. Como o filho pródigo do Evangelho, o peregrino pode reencontrar-se consigo mesmo precisamente quando abandona caminhos de autossuficiência e se põe novamente a caminho rumo à casa do Pai (cf. Lc 15,18).

O Caminho, pelo contrário, obriga a olhar de outro modo. O peregrino aprende a reconciliar-se com o silêncio, descobre o valor das conversas lentas, dos encontros gratuitos, dos pequenos gestos de ajuda mútua. O cristão sabe que o silêncio não é vazio, mas o espaço onde pode ressoar a Palavra de Deus. O peregrino que caminha com sossego aprende pouco a pouco a escutar não só o som dos seus passos, mas também as perguntas do seu coração e a voz discreta do Senhor que continua a falar no meio da história. O Caminho favorece assim uma experiência espiritual semelhante à dos discípulos de Emaús (cf. Lc 24,13ss): o próprio Cristo faz-se companheiro de caminho, lança luz sobre a vida do homem e volta a acender a esperança no coração cansado.

Além disso, o Caminho educa espiritualmente na consciência da fragilidade. O peregrino experimenta os seus limites físicos, os seus cansaços e vulnerabilidades. Tudo isto faz parte da autêntica peregrinação cristã. Numa cultura que procura eliminar imediatamente toda a incomodidade e todo o sofrimento, o Caminho recorda que a maturação espiritual passa também pela perseverança, pela paciência e pela capacidade de atravessar a noite sustentados pela esperança.

O peregrino descobre assim que a cruz faz parte do caminho cristão, pois o próprio Jesus chamou os seus discípulos a tomar a cruz e a segui-Lo (cf. Lc 9,23); aprende que precisamente na fragilidade se pode manifestar a graça de Deus: "Os peregrinos costumam partir de noite e muitas vezes essa escuridão inicial do caminho pode assustá-los. Poderíamos evocar o hino das vésperas, *A noite é tempo de salvação*, para dizer que, se vamos em boa companhia, as dificuldades do caminhar e o perigo de nos extraviarmos reduzem-se. É o Senhor quem nos conduz, Ele é o dono da história e de cada uma das nossas histórias, Ele determina os tempos. Nós caminhamos atrás d'Ele, mais ainda, caminhamos com Ele como membros de um só corpo"[22].

O peregrino também descobre que precisa dos outros e que ninguém chega sozinho à meta. Quando tantas vezes se exalta a autossuficiência e o individualismo, esta experiência possui uma enorme força humanizadora. O Caminho recorda que o ser humano é constitutivamente relacional e que só na fraternidade pode compreender plenamente a sua própria dignidade. Além disso, a peregrinação educa numa verdade profundamente evangélica que já recordámos: ninguém se salva sozinho[23]. O peregrino precisa de ajuda, hospitalidade, acolhimento e companhia. Aprende a receber e aprende também a partilhar. A experiência do Caminho rompe muitas vezes as barreiras sociais, culturais ou ideológicas e faz surgir uma fraternidade simples nascida da vulnerabilidade partilhada. Nisso se revela algo essencial do Evangelho. A Igreja é um povo peregrino que caminha

unido rumo ao Reino de Deus, sustentando-se mutuamente na fé e na caridade.

Por isso, o Caminho de Santiago não é unicamente uma antiga rota de peregrinação nem um valioso itinerário cultural. É também uma escola espiritual para o homem de hoje. Uma pedagogia de fé e de humanidade, uma rota vital onde ainda se pode aprender que viver não consiste simplesmente em avançar mais depressa, mas em caminhar com sentido; não em acumular experiências, mas em descobrir uma direção; não em fechar-se em si mesmo, mas em abrir-se a Deus, aos outros e à esperança que não declina nem desilude (cf. Rm 5,5).

A chegada a Santiago de Compostela e a passagem pela Porta Santa expressam simbolicamente esta transformação interior. O peregrino compreende que toda a peregrinação cristã é, no fundo, uma imagem da vida inteira orientada para o encontro definitivo com Deus. Santiago de Compostela não é simplesmente o final de um percurso; é sinal do destino último do homem, chamado à comunhão com Cristo (cf. 1 Cor 1,9): "Esta união de Cristo com o homem é em si mesma um mistério, do qual nasce o 'homem novo', chamado a participar na vida de Deus, criado de novo em Cristo, na plenitude da graça e da verdade"[24].

Por isso, o Caminho de Santiago pode converter-se hoje num verdadeiro itinerário de evangelização e de renovação espiritual. Não só porque conserva uma imensa riqueza histórica e cultural, mas porque continua a oferecer uma experiência profundamente humana e cristã: a experiência de descobrir que a vida é caminho, que Cristo acompanha o peregrino e que, mesmo no meio das noites da história, continua a brilhar a estrela que conduz à alegria do encontro com Deus. Por isso, "outro tesouro que não podemos esquecer no nosso alforje [de peregrinos] é o Viático do peregrino. O Pão da Palavra e da Eucaristia são-nos ainda mais necessários do que o alimento material, porque nos abrem o caminho da salvação"[25].

Notas

16. Eugenio Romero Pose, *El hombre como peregrino* (Madrid 2021), p. 11.

17. Ysabel de Andía, *Homo Viator. Antropología del camino espiritual* (Madrid 2017), p. 10.
18. Leão XIV, Saudação no encontro com os bispos de Espanha (Madrid, 8 de junho de 2026).
19. Eugenio Romero Pose, *El hombre como peregrino*, p. 12.
20. Papa Francisco, Discurso aos peregrinos italianos do Caminho de Santiago assistidos pela Obra Dom Guanella (19 de dezembro de 2024).
21. Bento XVI, Homilia na Santa Missa na praça do Obradoiro (Santiago de Compostela, 6 de novembro de 2010).
22. Leão XIV, Saudação no encontro com os bispos de Espanha (Madrid, 8 de junho de 2026).
23. Papa Francisco, *Fratelli tutti*, n.os 32, 54 e 137.
24. São João Paulo II, *Redemptor hominis*, n.º 18.
25. Leão XIV, Saudação no encontro com os bispos de Espanha (Madrid, 8 de junho de 2026).

II. No Caminho de Santiago renasce a alegria

A imensa alegria que inunda os Magos (cf. Mt 2,10) exprime um dos sentimentos mais profundos e luminosos de toda a experiência autenticamente cristã: a alegria que nasce do encontro com Deus. Os Magos do Oriente, depois de percorrerem caminhos incertos e atravessarem a escuridão da noite, experimentam uma alegria transbordante quando descobrem novamente a estrela que orienta os seus passos rumo a Belém. Não se trata de uma emoção superficial ou passageira, mas da profunda certeza de que a sua busca tem sentido, de que não caminham sozinhos e de que existe uma luz capaz de os conduzir à verdade.

Também hoje muitos homens e mulheres vivem em busca. Talvez nem sempre saibam nomear aquilo que anseiam, mas permanecem interiormente inquietos. No meio de tantos ruídos e excessos que nos fragmentam interiormente, o coração humano continua a procurar uma alegria verdadeira, que não seja efémera nem enganosa. Hoje temos inúmeras possibilidades de entretenimento e de consumo, mas nem sempre encontramos razões profundas para esperar e viver com plenitude. Multiplicam-se as ofertas de bem-estar imediato, mas persiste uma silenciosa sede de profundidade, de reconciliação e de paz interior. Neste contexto, o Caminho de Santiago continua a aparecer como uma experiência singularmente significativa, porque é, sobretudo, um contexto humano e espiritual onde muitos homens e mulheres voltam a encontrar a alegria de caminhar rumo a uma meta que dá sentido à vida.

Muitos peregrinos chegam ao Caminho trazendo consigo cansaços interiores, feridas invisíveis, perguntas não formuladas ou buscas espirituais ainda confusas. Alguns chegam movidos explicitamente pela fé; outros procuram simplesmente silêncio, descanso ou um novo começo. Mas o Caminho de Santiago possui a capacidade de abrir espaços interiores onde o ser humano volta a escutar-se a si mesmo e onde podem renascer as grandes perguntas da existência. Por isso,

neste Ano Santo, fazendo nossas as palavras do Papa Leão XIV, "desejamos entrar em diálogo com todos os homens e mulheres do nosso tempo, com quem partilhamos os acontecimentos, as perguntas e as aspirações da humanidade"[26].

E precisamente aí começa muitas vezes uma inesperada experiência de alegria. Não a alegria superficial que depende unicamente das circunstâncias favoráveis, mas uma alegria mais profunda, nascida da redescoberta do essencial. O peregrino aprende depressa que a verdadeira alegria não brota da acumulação de bens, do êxito ou da autossuficiência, mas da capacidade de viver reconciliado consigo mesmo, com os outros e com Deus.

A tradição cristã sabe bem que a alegria constitui um dos sinais mais autênticos do Evangelho. Quando o homem se encontra verdadeiramente com Cristo, algo novo nasce no seu interior. A fé não fecha o homem na tristeza nem no medo, mas alarga o coração e devolve a esperança. Por isso, o Papa Francisco recordava desde o início do seu pontificado que "a alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus. Quantos se deixam salvar por Ele são libertados do pecado, da tristeza, do vazio interior, do isolamento. Com Jesus Cristo sempre nasce e renasce a alegria"[27].

No silêncio do Caminho, muitos peregrinos descobrem de novo a beleza da oração, o valor de uma conversa sincera, a profundidade da amizade nascida da fragilidade partilhada ou a paz interior que brota de sentir-se acompanhado. A experiência de caminhar juntos cria laços simples e verdadeiros. No Caminho desaparecem muitas vezes as máscaras sociais habituais e a pessoa apresenta-se tal como é: vulnerável, necessitada de ajuda e aberta ao acolhimento dos outros.

Esta simples fraternidade constitui também uma fonte de alegria, pois quem peregrina precisa de ser ajudado e pode ele próprio tornar-se ajuda para os outros. Num mundo frequentemente marcado pelo individualismo e pela indiferença, o Caminho volta a ensinar que a vida humana alcança a sua verdade mais profunda na comunhão e no dom

de si. Por isso, "a Igreja considera companheiros de caminho todos aqueles que procuram sinceramente 'a verdade, a bondade e a beleza', considerando-os 'preciosos aliados' na defesa da dignidade de cada pessoa e na custódia da criação"[28].

Além disso, a alegria do Caminho possui uma dimensão propriamente espiritual e cristã que encontra a sua plenitude no encontro com o Senhor. Como os Magos guiados pela estrela, também o homem contemporâneo precisa de sinais que orientem o seu caminho no meio das incertezas da história. E o Caminho de Santiago continua a oferecer essa possibilidade: a possibilidade de reencontrar Cristo, luz que ilumina toda a existência humana, pois "o mistério do homem só se esclarece no mistério do Verbo encarnado" (GS 22).

A estrela que os Magos contemplaram não eliminou as dificuldades da viagem, mas permitiu-lhes reconhecer que não caminhavam sem rumo. Também hoje a fé cristã não suprime automaticamente as provações e escuridões da vida, mas oferece uma luz capaz de sustentar a esperança e de abrir novamente o coração à alegria.

Neste sentido, o Ano Santo Compostelano 2027 quer ser um grande convite a recuperar a alegria da fé. Uma alegria humilde e serena, compatível com as dificuldades do caminho, mas mais forte do que o medo e o desencanto. É a alegria de experimentar que a vida possui sentido e que o horizonte último da existência não é a escuridão, mas a comunhão com Deus.

Por isso, o Caminho de Santiago continua a ser hoje uma verdadeira escola de esperança e de alegria cristã. No meio de uma humanidade frequentemente cansada e desorientada, continua a recordar que existe uma estrela capaz de orientar os nossos passos e que quem se deixa conduzir por ela pode experimentar, também hoje, a imensa alegria do encontro com Cristo: "Peregrinar não é simplesmente visitar um lugar qualquer para admirar os seus tesouros de natureza, arte ou história. Peregrinar significa, antes, sair de nós mesmos para ir ao encontro de Deus ali onde Ele se manifestou, ali onde a graça divina se mostrou com

particular esplendor e produziu abundantes frutos de conversão e santidade entre os crentes”[29].

Notas

26. Leão XIV, *Magnifica humanitas*, n.º 2.
27. Papa Francisco, Exortação apostólica *Evangelii gaudium* (Roma 2013), n.º 1.
28. Leão XIV, *Magnifica humanitas*, n.º 23.
29. Bento XVI, Discurso na visita à Catedral de Santiago de Compostela (6 de novembro de 2010).

III. Uma Igreja que acolhe e acompanha

A grande tarefa evangelizadora do Ano Santo Compostelano não consistirá principalmente em multiplicar estratégias ou atividades, mas em fazer transparecer o rosto de Cristo através de comunidades vivas, acolhedoras e misericordiosas. Isto obriga-nos a perguntar como anunciar hoje o Evangelho numa cultura que frequentemente vive como se Deus não existisse e que, ao mesmo tempo, mostra sinais de uma renovada busca de um horizonte transcendente, especialmente nas gerações mais jovens. Encontramo-nos perante uma situação paradoxal. Por um lado, assistimos a um processo de secularização que transformou profundamente a consciência das nossas sociedades. Para muitos, Deus já não aparece como uma referência necessária para compreender o mundo, orientar a conduta ou dar orientação à existência. Como advertiu São João Paulo II, a nossa cultura atravessa "uma espécie de eclipse do sentido de Deus e do homem"[30]. Quando Deus desaparece do horizonte, também se obscurece a verdade sobre o ser humano, a sua dignidade, a sua vocação e o seu destino.

Por outro lado, precisamente no meio deste eclipse, persiste uma busca que aflora em tantos peregrinos que percorrem os Caminhos de Santiago. Esta mesma cultura aparentemente autossuficiente manifesta também sintomas de uma profunda inquietação espiritual. Sob a superfície de uma sociedade que parece satisfeita com o bem-estar material, emergem perguntas que não encontram resposta adequada nos discursos dominantes. A incerteza perante o futuro, a fragilidade dos vínculos humanos, o sofrimento, a experiência da solidão, a consciência dos próprios limites e o desejo de autenticidade continuam a despertar em muitas pessoas a busca de algo que transcenda o imediato.

Particularmente significativo é o fenómeno que observamos em numerosos jovens. Embora muitos deles tenham crescido afastados da prática religiosa habitual e possuam escassos conhecimentos da tradição cristã, não poucos manifestam uma sensibilidade nova às

questões espirituais e à pergunta pela fé. Procuram experiências autênticas, rejeitam os discursos meramente ideológicos, mostram interesse pelo silêncio, pela interioridade, pela contemplação orante e pelo sentido cristão da vida. Um apelo direto à Igreja, às nossas comunidades e movimentos para que repensemos o acolhimento e o acompanhamento destes jovens.

Não bastam estratégias pastorais nem respostas pré-fabricadas: os homens e as mulheres do nosso tempo precisam de testemunhas. Precisam de encontrar comunidades capazes de fazer transparecer humanidade reconciliada, alegria serena e esperança credível. Como continuar a falar de Jesus Cristo num mundo que parece ter perdido a capacidade de escutar? Como evangelizar pessoas que vivem frequentemente de costas voltadas para Deus? A resposta não virá principalmente de estratégias ou métodos, mas da autenticidade do testemunho.

Façamos nossas as interrogações que São Paulo VI colocava a quantos somos chamados a ser evangelizadores: "Credes verdadeiramente no que anunciais? Viveis o que credes? Pregais verdadeiramente o que viveis? Hoje, mais do que nunca, o testemunho de vida tornou-se uma condição essencial com vista a uma eficácia real da pregação. Sem rodeios, podemos dizer que, em certa medida, nos tornamos responsáveis pelo Evangelho que proclamamos". Sem esquecer as perguntas que dirigia à própria Igreja: "Está ancorada no coração do mundo e é suficientemente livre e independente para interpelar o mundo? Dá testemunho da própria solidariedade para com os homens e, ao mesmo tempo, do Deus Absoluto? Ganhou em ardor contemplativo e de adoração, e põe mais zelo na atividade missionária, caritativa, libertadora?"[31].

O Caminho de Santiago constitui um observatório privilegiado para perceber esta realidade. Quantos percorrem os seus caminhos representam, de algum modo, uma imagem da humanidade contemporânea. Muitos peregrinos chegam sem motivações

explicitamente religiosas, mas trazem consigo perguntas profundamente espirituais. Alguns procuram reconciliar-se com a sua própria história. Outros desejam encontrar orientação para decisões importantes da sua vida. Outros procuram silêncio perante o ruído constante da sociedade. Outros simplesmente sentem a necessidade de parar e de perguntar-se quem são e para onde caminham. E precisamente aí se abre um espaço privilegiado para a evangelização. Não porque a Igreja possua respostas pré-fabricadas para todos os problemas humanos, mas porque guarda o anúncio d'Aquele que constitui a resposta definitiva à inquietação do coração humano: Jesus Cristo.

O Caminho de Santiago constitui uma extraordinária oportunidade para uma evangelização simples e profunda, pela qual muitos peregrinos não se aproximarão de Cristo através de uma argumentação apologética elaborada, mas através do testemunho de uma fé vivida. O acolhimento de um *hospitalero*, a disponibilidade de um sacerdote para escutar, a oração simples de uma comunidade, a beleza de uma liturgia celebrada com dignidade ou a caridade exercida discretamente podem tornar-se o primeiro anúncio do Evangelho. Como recordava São Paulo VI, "o homem contemporâneo escuta mais de bom grado as testemunhas do que os mestres, ou, se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas" (EN 41)[32]. Por isso, a grande tarefa evangelizadora do Caminho consiste, antes de mais, no testemunho.

O peregrino atual não precisa de encontrar uma Igreja preocupada principalmente consigo mesma, com as suas estruturas ou com a mera conservação dos seus espaços. Precisa de encontrar uma Igreja capaz de lhe sair ao encontro, de partilhar as suas perguntas e de acompanhar as suas buscas. Alguns aproximam-se procurando explicitamente Deus; outros procuram simplesmente enraizar com profundidade a sua vida; outros, talvez sem o saberem, procuram uma palavra de esperança capaz de iluminar as suas incertezas.

Por isso, o Ano Santo constitui para a Igreja uma oportunidade privilegiada de exercer um dos ministérios mais necessários do nosso tempo: o ministério da proximidade. Antes mesmo de anunciar uma doutrina, a Igreja está chamada a fazer-se companheira de caminho. O próprio Jesus Cristo ressuscitado revelou-se aos discípulos de Emaús caminhando com eles, escutando primeiro as suas deceções e frustrações, partilhando as suas perguntas e ajudando-os depois a reler a sua história à luz da Palavra de Deus (cf. Lc 24,13-35). Antes de explicar, Jesus acompanha; antes de ensinar, escuta; antes de corrigir, partilha o caminho.

Também hoje a Igreja está chamada a reproduzir esta pedagogia do Ressuscitado. O Caminho de Santiago oferece um espaço privilegiado para isso. Cada paróquia, cada albergue, cada comunidade cristã situada nas rotas jacobeias deveria perceber-se a si mesma como um prolongamento daquela estalagem de Emaús onde o Senhor continua a encontrar-se com os peregrinos.

As paróquias do Caminho estão chamadas a converter-se em autênticas casas de hospitalidade. Numa sociedade onde muitas pessoas experimentam a solidão, a indiferença ou a falta de vínculos significativos, o acolhimento cristão adquire uma força evangelizadora extraordinária. Por isso, sacerdotes, religiosos, voluntários, *hospitaleros* e agentes pastorais devem compreender que a sua presença no Caminho constitui uma autêntica missão evangelizadora. Não são simplesmente organizadores ou prestadores de serviços, mas, antes de mais, testemunhas do Evangelho e servidores da esperança. Estão chamados a acompanhar processos, a respeitar ritmos, a escutar feridas, a sustentar buscas e a semear discretamente a semente da fé no coração de quantos se aproximam. Muitas vezes a tarefa não consistirá em oferecer respostas imediatas, mas em ajudar a que renasçam as perguntas adequadas. Não se trata de convencer: trata-se antes de tornar visível, mediante a própria vida, a proximidade misericordiosa de Deus.

Esta missão é especialmente necessária no atual contexto cultural. Vivemos em sociedades onde abundam a informação e as opiniões, mas onde escasseiam os espaços de escuta profunda. Muitas pessoas trazem dentro perguntas que nunca puderam formular, sofrimentos que ninguém escutou e buscas espirituais que permanecem ocultas sob o ruído da vida quotidiana. A Igreja que peregrina no Caminho de Santiago está chamada a oferecer precisamente essa escuta que dignifica, acompanha e abre horizontes.

A Igreja não é uma soma de indivíduos que percorrem caminhos paralelos, mas um povo convocado por Deus para caminhar unido. Como recorda o Concílio Vaticano II, a Igreja é o Povo de Deus peregrino na história, chamado a ser sinal e instrumento de comunhão para toda a humanidade (cf. LG 1). E isto "exige da Igreja, neste tempo de polarizações e contraposições cada vez mais duras, um testemunho de unidade na pluralidade: uma comunhão capaz de acolher a riqueza dos dons, dos carismas, das sensibilidades que o Espírito Santo suscita no Povo de Deus. A imagem de Cristo deixa-se reconhecer no mosaico vivo da Igreja, onde muitas tesselas, sem se confundirem, convergem para manifestar a beleza do único Senhor"[33].

No Caminho esta realidade torna-se visível de uma maneira especialmente eloquente: pessoas de línguas, culturas e condições muito diversas descobrem que podem caminhar juntas porque partilham uma mesma condição de peregrinos: como uma fecunda redundância, é a sinodalidade no Caminho que nos conduz, por meio do Apóstolo Tiago, à plena comunhão com Deus e com os irmãos, ao modo de um renovado Pentecostes em que a multidão, cada um na sua própria língua (cf. At 2,6-11), escuta e proclama as grandezas de Deus: "A este lugar [Santiago] vêm os povos bárbaros e os que habitam em todos os climas do orbe… e as demais gentes inumeráveis de todas as línguas, tribos e nações vêm junto a ele em caravana e falanges, cumprindo os seus votos em ação de graças ao Senhor e levando o prémio dos louvores"[34].

Em definitivo, o Ano Santo Compostelano oferece hoje à Igreja uma oportunidade excecional para mostrar um dos rostos mais belos do Evangelho: o de uma comunidade que acompanha, escuta, acolhe e caminha junto da humanidade do seu tempo. Uma Igreja que não se situa frente ao mundo como uma realidade estranha ou distante, mas que partilha as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias da humanidade, para as conduzir, com humildade e confiança, ao encontro com Cristo, companheiro de caminho e fonte de toda a esperança (cf. GS 1).

Os homens e as mulheres do nosso tempo talvez não esperem da Igreja grandes construções intelectuais nem respostas abstratas. Esperam encontrar testemunhas; esperam descobrir comunidades onde a fé seja vivida com autenticidade; esperam encontrar lugares onde seja possível experimentar o perdão, a misericórdia, a fraternidade e a esperança: esperam encontrar homens e mulheres cuja vida reflita algo da alegria que nasce do Evangelho.

Por isso, o Caminho de Santiago representa hoje uma oportunidade extraordinária para a missão da Igreja. Nele convergem a busca do homem e a iniciativa de Deus. Nele se encontram as perguntas do nosso tempo e a proposta sempre nova do Evangelho. Nele, como aconteceu aos Magos do Oriente, muitos podem voltar a levantar o olhar (cf. Jo 4,35), reconhecer a estrela e pôr-se a caminho rumo a Cristo, fonte da verdadeira alegria.

Talvez a grande tarefa pastoral do Ano Santo Compostelano 2027 consista precisamente nisto: ajudar os nossos contemporâneos a reconhecer essa estrela que nos conduz ao Senhor, alegria dos homens, como belamente canta o conhecido décimo movimento da cantata 147 de Johann Sebastian Bach. Mas não impondo-a, antes mostrando-a; não substituindo a busca, mas acompanhando-a; não oferecendo respostas apressadas, mas caminhando junto de quantos procuram. Porque, como aconteceu em Belém, Deus continua a sair ao encontro de

quantos o procuram com coração sincero, mesmo quando ainda não sabem nomear aquilo que verdadeiramente anseiam (cf. Lc 2,8-17).

Notas

30. São João Paulo II, Carta encíclica *Evangelium vitae* (Roma 1995), n.º 21.
31. São Paulo VI, Exortação apostólica *Evangelii nuntiandi* (Roma 1975), n.º 76.
32. Estas palavras de São Paulo VI foram pronunciadas originalmente no seu Discurso aos membros do *Consilium de Laicis* (2 de outubro de 1974).
33. Leão XIV, Saudação no encontro com os bispos de Espanha (Madrid, 8 de junho de 2026).
34. *Codex Calixtinus*, Sermão *Veneranda dies*, livro I, cap. XVII.

IV. A hospitalidade, sacramento do encontro

A hospitalidade constitui um dos traços mais antigos, constantes e teologicamente densos da experiência cristã. No contexto do Caminho de Santiago, esta virtude adquire um relevo particular, pois o peregrino não é simplesmente um viajante, mas um *homo viator*, alguém em busca, em trânsito interior e exterior rumo a Deus. O acolhimento do peregrino, portanto, não é um gesto acessório ou meramente social, mas uma expressão concreta do Evangelho vivido, uma mediação da graça e um lugar privilegiado de encontro com Cristo: "Sempre que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes" (Mt 25,40).

A partir da Escritura, a hospitalidade aparece como uma obrigação sagrada. No Antigo Testamento, o estrangeiro é objeto de especial proteção: "Não oprimirás nem vexarás o forasteiro, porque forasteiros fostes vós na terra do Egito" (Ex 22,20). Este mandato não responde apenas a uma memória histórica, mas a uma teologia da eleição: Israel, tendo experimentado a misericórdia de Deus, está chamado a reproduzi-la no seu trato com o outro. A hospitalidade torna-se assim reflexo do agir divino e resposta à eleição de Deus.

O episódio de Abraão em Mambré (cf. Gn 18,1-8) é paradigmático: o patriarca acolhe três homens desconhecidos com generosidade e prontidão, e nesse ato de hospitalidade revela-se a presença de Deus. A tradição cristã leu esta passagem como uma epifania trinitária (ícone de Rublev) e como um ensinamento permanente: no hóspede pode manifestar-se o próprio Deus. Esta intuição será retomada com força no Novo Testamento.

Com efeito, Jesus Cristo identifica a sua própria pessoa com o necessitado: "Era forasteiro e acolhestes-Me" (Mt 25,35). Esta afirmação não é metafórica, mas ontológica no plano da caridade: o próximo, especialmente o vulnerável, é como um sacramento de Cristo. A hospitalidade situa-se, então, no núcleo do juízo final. Não se trata de

uma opção secundária, mas de um critério decisivo de autenticidade cristã.

O próprio Senhor viveu como peregrino e hóspede. "O Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça" (Lc 9,58), o que revela a sua condição itinerante e a sua dependência do acolhimento dos outros. No relato de Emaús (cf. Lc 24,13-35), os discípulos reconhecem Jesus precisamente no contexto da hospitalidade partilhada: convidam-No a ficar, partem o pão com Ele, e os seus olhos abrem-se. A hospitalidade torna-se assim lugar de revelação.

São João Crisóstomo insiste com vigor na obrigação da hospitalidade: "Quereis de verdade honrar o corpo de Cristo? Não consintais que esteja nu"[35]. Para ele, a liturgia e a caridade são inseparáveis: não se pode venerar Cristo no altar e descurá-Lo no pobre ou no estrangeiro. Esta perspetiva é especialmente iluminadora na celebração do Ano Santo, onde a piedade e a prática sacramental devem ser acompanhadas do acolhimento concreto do peregrino e de qualquer próximo necessitado da nossa ajuda e proximidade samaritana.

Santo Agostinho, por sua vez, sublinha a dimensão espiritual da hospitalidade. Num dos seus sermões, dedicado ao acolhimento de Cristo em casa de Marta e Maria (cf. Lc 10,38-42), recorda que todos somos peregrinos nesta terra: "Somos ainda peregrinos, que não chegámos a uma residência estável; estamos ainda a caminho, ainda não na pátria"[36]. Esta consciência relativiza a posse e abre à partilha. Quem acolhe o peregrino reconhece nele a sua própria condição e antecipa a comunhão definitiva em Deus.

São Bento de Núrsia, na sua Regra, estabelece um princípio fundamental acerca dos hóspedes: "Adorarão neles Cristo, a quem recebem… dar-se-á um acolhimento especial aos pobres e estrangeiros, cumulando-os de atenções, porque neles se recebe Cristo de uma maneira particular"[37]. Esta norma não é uma simples recomendação ascética, mas uma formulação teológica que recolhe o ensinamento evangélico. O mosteiro torna-se um espaço de acolhimento onde o

peregrino encontra não só teto e alimento, mas também um sinal visível do amor de Deus.

Na tradição jacobeia, a hospitalidade foi um elemento estrutural desde as suas origens. Hospitais, albergues, mosteiros e paróquias pontilhavam as rotas, oferecendo assistência material e espiritual. O acolhimento não se limitava à provisão de bens básicos, mas incluía a atenção pastoral, a escuta, a reconciliação e a celebração da fé. O peregrino era visto como um portador de bênção, alguém que, na sua fragilidade, tornava presente Cristo. Recordemos o que a primeira guia do Caminho, o Códice Calixtino, nos exorta: "os peregrinos, tanto pobres como ricos, devem ser caridosamente recebidos e venerados por todas as gentes quando vão ou vêm de Santiago. Pois quem quer que os receba e diligentemente os hospede, não só terá como hóspede Santiago, mas também o Senhor, segundo as suas mesmas palavras, ao dizer no Evangelho: 'Quem vos recebe, a Mim recebe'… Pelo que se saiba que os peregrinos de Santiago, tanto pobres como ricos, devem ser justamente recebidos e diligentemente atendidos"[38].

E o Concílio Vaticano II, na constituição *Gaudium et spes*, "inculca o respeito pelo homem, de modo que cada um, sem exceção de ninguém, deve considerar o próximo como outro eu" (GS 27), superando toda a forma de exclusão. Esta fraternidade universal concretiza-se no acolhimento do outro, especialmente daquele que está a caminho, desenraizado ou necessitado.

São João Paulo II, profundamente ligado ao Caminho de Santiago, sublinhou a sua dimensão espiritual e eclesial. No seu conhecido discurso em Santiago de Compostela (1982), recordou que a Europa se construiu também através destes caminhos de peregrinação, onde a fé se transmitiu mediante a experiência de encontro e hospitalidade[39]. O Caminho não é só uma rota cultural, mas antes de mais uma via de fé e de comunhão. Neste contexto, a hospitalidade aparece como um sinal da Igreja que acompanha, sustenta e orienta. Não se trata de uma instituição fechada, mas de uma comunidade em saída, aberta ao

encontro: uma Igreja como casa aberta do Pai (cf. EG 47). A hospitalidade torna-se assim uma forma concreta de evangelização.

Na *Fratelli tutti*, Francisco propõe a parábola do bom samaritano como paradigma da relação com o outro[40]. O samaritano não pergunta pela identidade do ferido, mas faz-se próximo dele (cf. Lc 10,25-37). De modo análogo, o acolhimento do peregrino não deve depender da sua origem, motivação ou crenças, mas brotar de uma caridade universal que reconhece a dignidade de toda a pessoa.

No contexto atual, marcado pela mobilidade, pela globalização e também por novas formas de exclusão, a hospitalidade cristã no Caminho de Santiago adquire uma relevância renovada. O peregrino contemporâneo pode estar movido por razões diversas — espirituais, culturais, desportivas —, mas em todos os casos é um interlocutor válido para o testemunho cristão. O acolhimento torna-se uma linguagem compreensível, uma "gramática" da fé que não necessita de tradução.

No entanto, esta hospitalidade não pode reduzir-se a uma prestação de serviços. Existe o risco de uma "turistificação" do Caminho que esvazie de conteúdo espiritual a experiência. O acolhimento cristão deve distinguir-se pela sua gratuidade, pela sua personalização e pela sua referência explícita a Cristo. Não se trata só de gerir fluxos, mas de acompanhar pessoas. Isto implica uma formação adequada dos agentes de pastoral e dos *hospitaleros*, que têm de integrar competência profissional e sensibilidade espiritual. A hospitalidade requer tempo, atenção e uma certa disposição para a vulnerabilidade: acolher o outro implica deixar-se afetar por ele, entrar em relação.

Em definitivo, a hospitalidade no Caminho de Santiago é uma expressão privilegiada da caridade cristã. Acolher o peregrino é acolher Cristo; servi-lo é participar na missão da Igreja; caminhar com ele é antecipar a comunhão definitiva. Num mundo fragmentado, esta prática converte-se num sinal profético de unidade e de esperança, um convite

a redescobrir que, no fundo, todos somos peregrinos rumo a Deus e precisamos de ser acolhidos no caminho.

Tal como nos convida o Papa Leão XIV, devemos acentuar "o desejo de aprender mais sobre a arte da hospitalidade. A indústria das férias quer vender-nos todo o tipo de experiências, mas talvez não aquilo que procuramos. Com efeito, todo o encontro verdadeiro não se pode comprar, é gratuito: seja o que se tem com Deus, seja o que se tem com os outros, ou até com a natureza. Precisa-se apenas de fazer-se hóspede: abrir espaço e também pedi-lo; acolher e deixar-se acolher"[41].

Notas

35. São João Crisóstomo, *Homilias sobre o Evangelho de São Mateus* 50, 3 (BAC 146, pp. 80-81).
36. Santo Agostinho de Hipona, Sermão 103, 1, 1 (BAC 441, p. 859).
37. São Bento de Núrsia, *Regra* LIII, 7.15 (BAC 406, pp. 155-156). Leão XIV, Exortação apostólica *Dilexi te* (Roma 2025), n.º 55: "A hospitalidade monástica beneditina permanece até hoje como sinal de uma Igreja que abre as portas, que acolhe sem perguntar, que cura sem exigir nada em troca".
38. *Codex Calixtinus*, Como devem ser acolhidos os peregrinos de Santiago, livro V, cap. XI.
39. Cf. São João Paulo II, Discurso no ato europeu em Santiago de Compostela (9 de novembro de 1982).
40. Cf. Papa Francisco, *Fratelli tutti* (Capítulo segundo: Um estranho no caminho), n.os 55-86.
41. Leão XIV, Angelus (20 de julho de 2025).

V. Peregrinos rumo à alegria

As palavras do evangelista Mateus — "encheram-se de imensa alegria ao ver a estrela" (Mt 2,10) —, escolhidas como lema do Ano Santo Compostelano 2027, situam-nos no coração mesmo da experiência cristã. Os Magos do Oriente não experimentam uma alegria superficial nem um entusiasmo passageiro. A sua alegria nasce de terem encontrado de novo a luz que orienta os seus passos, de descobrirem que a sua busca não foi inútil e de intuírem que o termo da sua peregrinação está cada vez mais próximo. Depois da incerteza, das perguntas e da noite, a estrela reaparece como sinal da fidelidade de Deus e como promessa de um encontro que transformará para sempre as suas vidas: a linguagem da estrela é uma mensagem de esperança. Os Magos experimentam a alegria de quem compreende que não caminha em vão, que existe uma meta e que o próprio Deus lhe sai ao encontro: eram "homens com inquietação interior, homens de esperança que buscavam expectantes a verdadeira estrela da salvação"[42].

A alegria que brota da contemplação da estrela é, na realidade, a alegria de quem descobre que a existência possui uma direção e um sentido. É a alegria de quem deixa de caminhar às escuras. É a alegria de quem percebe que Deus não permanece distante nem indiferente perante a busca humana, mas sai ao encontro do homem e lhe oferece uma luz capaz de orientar os seus passos.

Talvez poucas palavras sejam hoje tão necessárias como a palavra alegria. Vivemos numa sociedade que dispõe de inúmeros meios para produzir bem-estar, entretenimento e satisfação imediata, mas que com frequência parece incapaz de oferecer motivos profundos para a esperança jubilosa. Os dados e estudos sobre a solidão, a ansiedade, a depressão e diversas formas de mal-estar existencial revelam um paradoxo inquietante: enquanto aumentam as possibilidades materiais, muitos corações continuam a experimentar uma profunda fragilidade interior.

Esta situação afeta especialmente as gerações mais jovens. Muitos jovens cresceram numa cultura caracterizada pela incerteza, pela rutura dos vínculos, pela aceleração tecnológica e pela dificuldade em formular projetos estáveis de futuro. Não poucos experimentam uma espécie de cansaço existencial, uma dificuldade em encontrar razões sólidas que sustentem a esperança. E, no entanto, precisamente entre eles, emerge também uma renovada busca de autenticidade, de sentido e de plenitude, com uma forte centralidade dos vínculos afetivos — a família e a amizade — e uma clara aspiração a dispor de tempo para o lazer e o cuidado pessoal, a par de um aumento da importância atribuída às crenças religiosas e espirituais[43].

Perante esta realidade, a Igreja está chamada a redescobrir e a anunciar de novo o Evangelho da alegria. Não se trata de uma questão secundária. A alegria pertence ao núcleo mesmo da revelação cristã. Desde as primeiras páginas do Evangelho encontramos o anúncio de "uma boa-nova que será de grande alegria para todo o povo" (Lc 2,10). A encarnação do Filho de Deus inaugura uma história de salvação destinada a encher de júbilo o coração humano.

São Paulo VI compreendeu com extraordinária lucidez a importância desta mensagem quando publicou, no Ano Santo de 1975, a exortação apostólica *Gaudete in Domino*, um dos textos mais belos do magistério contemporâneo sobre a alegria cristã: "uma espécie de hino à alegria divina é o que Nós quereríamos entoar, para que encontre eco no mundo inteiro e antes de mais na Igreja: que a alegria se difunda nos corações juntamente com o amor de que ela brota, por meio do Espírito Santo que nos foi dado (cf. Rm 5,5)"[44]. Constata que o homem moderno procura incessantemente a felicidade e, no entanto, encontra grandes dificuldades em alcançá-la. Por isso, reconhece que a alegria constitui uma aspiração universal inscrita no coração humano: "a alegria exultante da existência e da vida; a alegria do amor honesto e santificado; a alegria tranquilizadora da natureza e do silêncio; a alegria por vezes austera do trabalho esmerado; a alegria e satisfação

do dever cumprido; a alegria transparente da pureza, do serviço, do saber partilhar; a alegria exigente do sacrifício"[45].

O Papa Montini reconhece as sombras, os sofrimentos e as contradições que acompanham a existência humana. Não propõe uma alegria ingénua nem sentimental. Conhece bem as feridas do mundo contemporâneo. Contudo, afirma com firmeza que existe uma alegria que nenhuma circunstância adversa pode destruir completamente: a alegria que nasce da comunhão com Deus: "A alegria cristã é por essência uma participação espiritual na alegria insondável, ao mesmo tempo divina e humana, do Coração de Jesus Cristo glorificado"[46]. Esta afirmação possui uma enorme profundidade teológica. A alegria cristã não é simplesmente uma emoção nem uma atitude otimista perante a vida. A sua fonte última é o próprio Cristo. O crente participa da alegria do Ressuscitado. Por isso, pode subsistir mesmo no meio do sofrimento, da provação ou da incerteza. Não depende exclusivamente de circunstâncias favoráveis, mas de uma presença: a presença viva do Senhor. Esta intuição será retomada décadas depois pelo Papa Francisco no início da *Evangelii gaudium*: "A alegria do Evangelho enche o coração e a vida inteira daqueles que se encontram com Jesus" (EG 1).

A alegria cristã nasce sempre do encontro com Cristo. Ali onde Cristo é acolhido, renasce a esperança; ali onde a esperança revive, floresce novamente a alegria.

Por isso, a questão da alegria não é simplesmente um assunto afetivo ou emocional. Tem uma profunda dimensão antropológica. A alegria humaniza. Uma pessoa verdadeiramente alegre não vive fechada em si mesma. A alegria abre o coração, alarga o olhar, fortalece a capacidade de amar e gera vínculos de comunhão. Pelo contrário, a tristeza permanente, o ressentimento ou o desespero tendem a fechar a pessoa sobre si mesma e a empobrecer as suas relações. São Paulo VI percebeu esta dimensão profundamente humana da alegria quando escreveu: "o homem experimenta a alegria quando se encontra em harmonia com a

natureza e sobretudo a experimenta no encontro, na participação e na comunhão com os outros”[47].

A alegria aparece assim intimamente ligada à capacidade de sair de si mesmo, de abrir-se ao outro e de experimentar a beleza do dom, um ensinamento de extraordinária atualidade numa cultura frequentemente marcada pelo individualismo e pelo isolamento.

O Caminho de Santiago oferece precisamente uma experiência privilegiada desta alegria humanizadora. O peregrino descobre que as alegrias mais profundas costumam ser também as mais simples: o acolhimento recebido, a amizade inesperada, a conversa partilhada, a beleza de um amanhecer, a ajuda prestada num momento de dificuldade, o silêncio de uma igreja aberta ou a oração feita ao final da jornada. Pouco a pouco aprende que a felicidade não consiste principalmente em possuir mais, mas em viver de outra maneira.

A própria dinâmica da peregrinação educa nesta verdade. O peregrino avança leve de bagagem. Aprende a distinguir entre o necessário e o acessório. Experimenta a alegria que nasce da gratuidade e da fraternidade. Descobre que a vida encontra a sua plenitude quando deixa de girar exclusivamente em torno de si mesmo.

Mas existe uma dimensão ainda mais profunda. Toda a peregrinação cristã é, no fundo, uma parábola da existência humana encaminhada para Deus. O Caminho de Santiago não conduz unicamente a uma meta geográfica: responde primeiro a uma aspiração humana universal — o desejo de alegria — e conduz depois à sua fonte última, que é Cristo. E é precisamente esse encontro que constitui a fonte última de toda a alegria autêntica: “Nenhuma cidade santa constitui tal meta [a meta final da nossa peregrinação terrena]. Esta encontra-se para além deste mundo, nas profundezas do mistério de Deus, ainda invisível para nós; porque caminhamos na fé, não é uma visão clara, e o que seremos ainda não nos foi revelado”[48].

Como os Magos, também os homens e as mulheres do nosso tempo continuam a procurar uma estrela que oriente o seu caminho, também

eles atravessam incertezas e noites, também eles precisam de sinais de esperança. A missão da Igreja, neste Ano Santo Compostelano, consiste precisamente em ajudá-los a descobrir que essa estrela continua a brilhar, em recordar precisamente esta verdade fundamental: Cristo continua a sair ao encontro do homem. E que quem se deixa conduzir por Ele pode experimentar, também hoje, a imensa alegria de se saber amado, acompanhado e salvo (cf. EG 264).

Por isso, a alegria que propomos não é uma emoção passageira nem um otimismo superficial. É a alegria do peregrino que descobre que não caminha sozinho. É a alegria de quem se sabe amado por Deus. É a alegria de quem experimenta o perdão, a reconciliação e a esperança. É a alegria de quem encontra finalmente aquilo que procurava, mesmo quando ainda não sabia dar-lhe nome.

Numa humanidade frequentemente marcada pelo cansaço, pela insegurança e pelo desencanto, o Ano Santo 2027 está chamado a converter-se numa grande peregrinação de alegria. Não uma alegria evasiva que ignore os problemas do mundo, mas uma alegria pascal, nascida da certeza de que Cristo venceu o pecado e a morte e continua a caminhar junto de nós. Como não evocar as palavras de Dante na *Divina Comédia*, quando, referindo-se a Tiago, tanto à memória do Apóstolo como à Catedral que alberga os seus restos, exclama: "Olha, olha: eis o barão por quem, lá em baixo, se visita a Galiza… Alma gloriosa, por quem a generosidade da nossa basílica foi exaltada: faz ressoar a esperança nesta altura"[49].

Como os Magos do Oriente, também nós estamos chamados a levantar o olhar (cf. Jo 4,35). E quando voltarmos a descobrir a estrela que nos conduz a Cristo, poderemos experimentar de novo aquela alegria imensa que encheu o coração dos primeiros peregrinos de Belém e que continua a ser, hoje e sempre, o dom mais belo do Evangelho. Porque a alegria cristã não é simplesmente uma consequência da fé. É um dos seus frutos mais belos. É o sinal de que o Evangelho chegou verdadeiramente ao coração. E é, talvez, um dos testemunhos mais

convincentes que a Igreja pode oferecer a uma humanidade cansada mas ainda sedenta de esperança.

CONCLUSÃO. Voltar a levantar o olhar

O Ano Santo Compostelano 2027 quer ser um grande convite a voltar a levantar o olhar para a estrela. No meio de tantas dúvidas, precisamos de redescobrir que a vida não está condenada ao vazio nem ao absurdo, que Deus continua a caminhar com a humanidade, que o Evangelho continua a ser uma palavra nova e necessária para o nosso tempo.

O Caminho de Santiago recorda-nos que a existência humana é peregrinação, que ninguém se salva sozinho, que precisamos de companheiros de caminho, de hospitalidade, de silêncio, de reconciliação e de esperança: "Levantemos o olhar! Aprendamos de Jesus a olhar para o próximo, as pessoas, o mundo, 'com os olhos de Deus', isto é, com amor, respeito e compaixão"[50].

Manter a identidade própria do Caminho de Santiago — religioso e cristão pela sua origem, pelo seu espírito e pela sua meta — é um desafio e uma responsabilidade. Preservar esta identidade genuína é uma tarefa para a qual todos, a partir das paróquias do Caminho, somos convocados. Cuidemos do Caminho de Santiago como símbolo expressivo que anima e sustenta o sentido e a alegria do peregrinar — ainda que com esforço e sacrifício — pelo mundo, pela sociedade, pela vida.

Caminhar rumo ao Jubileu Compostelano 2027 pode parecer uma rota no deserto. Sabemos que temos de percorrê-la levando connosco o essencial: o dom do Espírito Santo, a proximidade de Jesus, a verdade da sua Palavra, o Pão eucarístico que nos alimenta, a fraternidade da comunhão eclesial e o impulso da caridade. É a água do poço que faz florescer o deserto e, como na noite do deserto as estrelas se tornam mais brilhantes, assim no céu do nosso caminho resplandece com vigor a luz de Maria, Mãe do Acolhimento (acolheu no seu seio o Filho de Deus) e do Peregrino (a Palavra veio habitar entre nós), a quem, confiados, nos entregamos.

Que o Apóstolo Tiago acompanhe todos os peregrinos que, durante o Ano Santo 2027, chegarem em busca de luz para as suas vidas e possam assim experimentar também eles a imensa alegria de voltar a ver a estrela e de se reencontrar com Cristo.

Notas

42. J. Ratzinger, *Jesús de Nazaret. Los relatos de la infancia* 103 (BAC Maior 118; Obras Completas VI/1, p. 69).
43. Cf. Fundación SM – Observatorio de la Juventud Iberoamericana, *Informe jóvenes españoles 2026*.
44. São Paulo VI, Exortação apostólica *Gaudete in Domino* (Roma 1975), n.º 4.
45. São Paulo VI, *Gaudete in Domino*, n.º 12.
46. São Paulo VI, *Gaudete in Domino*, n.º 16.
47. São Paulo VI, *Gaudete in Domino*, n.º 6.
48. São Paulo VI, *Gaudete in Domino*, n.º 63.
49. Dante Alighieri, *Divina Comédia*. Paraíso. Canto XXV 17-18. 29-30.
50. Leão XIV, Audiência geral (17 de junho de 2026).